

## **Atlas culinário da literatura brasileira**

### **Culinary Atlas of Brazilian Literature**

**Michelle Cristine Medeiros da Silva**

**Universidade Federal de Campina Grande, Cuité – PB, Brasil.**

<http://medeiros.michelle@hotmail.com>

**Viviany Moura Chaves**

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, Brsil**

<http://vivianymchaves@gmail.com>

**Clébio dos Santos Lima**

**Universidade Federal de Campina Grande, Cuité-PB, Brasil**

[clebiolimabinho@gmail.com](mailto:clebiolimabinho@gmail.com)

*Fecha de recepción: 5 de julio de 2016*

*Fecha de recepción evaluador: 6 de julio de 2016*

*Fecha de recepción corrección: 7 de julio de 2016*

### **Resumo**

Pensar a alimentação a partir da perspectiva do território pode ser uma das vias para realizar atividades efetivas de promoção da alimentação adequada e saudável. A partir desta pesquisa desenvolveu-se a ideia de uma geoculinária literária que pudesse trazer elementos para pensar as práticas alimentares no território brasileiro. Partindo da perspectiva da geografia literária e realizando uma busca em quatro níveis foram encontradas 50 obras da literatura brasileira que dão relevo à questão da alimentação. Estas obras foram localizadas em manchas culinárias: porções do território que

constituem regiões para o estudo da alimentação. Foram localizadas sete manchas, onde as obras encontradas foram ordenadas: sertões, caipira, meridional, costa, amazônica, Recôncavo e Salvador e central. Partindo do mapeamento inicial foram excluídas as obras que não faziam referências específicas e elementos do geoespaço brasileiro e aquelas anteriores ao século XX. Ao final restaram 27 obras. Nesta etapa atual, o objetivo da pesquisa é caracterizar a geoculinária que compõe cada uma dessas manchas. Tomando o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações cinco variáveis foram definidas como pontos de partida para caracterizá-las: ingredientes, produtos tradicionais processados, preparações culinárias, utensílios e ações relacionadas ao sistema alimentar. Tais elementos serão coletados nas obras desta mancha com o intuito caracterizar a geoculinária. Os resultados serão apresentados em quadros descritivos, tabelas, gráficos e mapas desenvolvidos com o apoio de software de geoprocessamento. Pretende-se relacionar ingredientes, os produtos, as preparações, os utensílios e ações mais frequente em cada mancha; e, em uma terceira fase, aqueles que são singulares em cada mancha e os que são transversais a todas elas. O objetivo é pensar a ideia de uma geoculinária brasileira e assim apoiar a conexão alimentação e território com o intuito de promover alimentação saudável e adequada.

**Palavras chave:** Alimentação, Cultura, Literatura Brasileira, Geografia Literária, Território, Saúde.

### Abstract

Think feeding from the perspective of territory may be one of the ways to carry out effective activities to promote adequate and healthy food. From this research we developed the idea of a literary geoculinary that could bring elements to think about feeding practices in Brazil. From the perspective of literary geography and performing a search on four levels were found 50 works of Brazilian literature which emphasized the issue of feeding in different parts the national territory. These works were located in culinary spots: portions of territory that constitute regions for the study of food. Seven spots were located where the pieces found were ordered: backwoods, hick, southern, coast, amazon, reconcavo and Salvador and central. From the initial mapping they were excluded the works that made no specific references and elements of Brazilian geospace and those prior to the twentieth century. At the end remaining 27 works. In this current stage, the objective of the research is to characterize the geoculinary that make up each of these spots. Taking the space as an inseparable set of objects and actions systems, five variables were defined as starting points to characterize them: the ingredients, traditional processed products, culinary preparations, tools and actions related to the food system. Such elements will be collected in the works of this spot in order to characterize the geoculinary stains. The results will be presented in descriptive charts, tables, graphs and maps developed with the support of geoprocessing softwares. At the end we intend to

create maps that list the ingredients, products, preparations, tools and more frequent actions in each spot and those that are transverse to all spots. The final task is to think the Brazilian geoculinary to reconnect feeding to their territory in order to promote healthy and proper nutrition.

**Keywords:** Food, Culture, Brazilian literature, Literary Geography, Territory, Health.

## Introdução

O relatório final das estatísticas de saúde de 2015, Organizações das Nações Unidas, destaca a necessidade de deter o impacto crescente das doenças não transmissíveis (DNT) (World Health Organization, 2015). Um dos fatores de risco implicado no desenvolvimento dessas enfermidades é a alta prevalência de sobrepeso e obesidade na população (World Health Organization, 2014).

Quanto a isso, as estatísticas daquele relatório apontam que em 2014, 11% dos homens e 15% das mulheres com 18 anos ou mais estavam obesos e que mais de 6% das crianças abaixo de cinco anos estavam com sobrepeso (World Health Organization, 2015). Em âmbito nacional a pesquisa Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico (Vigitel), publicada em 2014, mostra que 52,5% dos brasileiros estão acima do peso, o mesmo índice era 43% em 2006 (Brasil, 2015).

Esse cenário aponta a necessidade de desenvolver atividades de promoção da alimentação adequada e saudável (PAAS) como via fundamental para conter do avanço das DNT, conforme o Relatório Mundial sobre as DNT da OMS (World Health Organization, 2014). Entende-se por alimentação adequada e saudável a prática alimentar apropriada aos aspectos biológicos e socioculturais dos indivíduos, bem como ao uso sustentável do território (Brasil, 2012).

A maior parte desses problemas enfrentados pela Saúde Pública, sobretudo os que criam obstáculos na garantia de uma alimentação adequada e saudável, têm uma profunda relação com as estratégias verticais do uso do território, que, conforme Milton Santos (2006), são aquelas que permitem uma suposta aceleração no desenvolvimento da produção local, mas que usurpam o poder sob o território daqueles que o habitam, colocando, assim, em xeque: a soberania alimentar, os usos tradicionais do território, as práticas da agricultura familiar, a economia solidária e outros princípios básicos da produção de uma sociedade implicada com a garantia do Direito Humano a Alimentação Adequada. Produzindo movimentos catastróficos que ele denomina, em artigo escrito em 1997 para Folha de São Paulo, de a revanche do território.

Portanto, as práticas de promoção da alimentação saudável e adequada terão muito a ganhar caso projetem o território como estratégia central de sua consolidação.

Nesta tentativa de conectar alimentação-território-saúde é que foi desenvolvida durante o ano de 2015 a pesquisa Atlas culinário da Literatura Brasileira: alimentação e cultura. Nela desenvolveu-se a ideia de uma geoculinária literária que pudesse trazer elementos para pensar as práticas alimentares no território brasileiro. Partindo da perspectiva da geografia literária, que compreende que a literatura pode auxiliar a pesquisa geográfica ao desvendar novas leituras para o geoespaço (Piatti; Reuschel; Hurni, 2009), e tomando como corpus de pesquisa 52 obras da literatura brasileira que dessem relevo à questão da alimentação, em diferentes porções do território nacional, é que esta pesquisa foi desenvolvida. Ao final foi gerado um mapa com sete manchas culinárias, porções do território que constituem regiões para o estudo da alimentação. O objetivo deste artigo é falar um pouco sobre o processo desta pesquisa e lançar as bases para suas próximas fases articulando território-alimentação-arte.

## Marco referencial

A maior parte dos problemas enfrentados pela Saúde Coletiva têm uma relação profunda com o cotidiano das pessoas e com o lugar onde elas habitam (Mendes, 1993). Habitar um território, afirma Ceccim (2005: 175), significa “explorá-lo, torná-lo seu, ser sensível às suas questões, ser capaz de movimentar-se por ele com ginga, alegria e descoberta, detectando as alterações de paisagem e colocando em relação fluxos diversos: técnicos, cognitivos, políticos, comunicacionais, afetivos.” Assim sendo, ao habitar inscrevemos nossos sentidos no território.

Certamente, as práticas de promoção, prevenção e recuperação da saúde terão muito a ganhar caso projetem o território como estratégia central para sua consolidação. O processo de territorialização pode fornecer a chave para a atenção integral em saúde, aquela que considera o homem em toda as suas dimensões: bio-psico-social, pois pode revelar como, cotidianamente, os sujeitos organizam suas condições de existência, inclusive a alimentar (Gondim & Monken, 2009). Hoje, o planejamento estratégico situacional, com seus mapeamentos, figura como uma das estratégias da Vigilância em Saúde, inclusive a Vigilância alimentar e nutricional.

Todavia, muito antes disso, a relação entre alimentação e espaço já foi explorada por outros autores. Vidal de La Blache em seu clássico Princípios de Geografia Humana afirmou que entre as forças mais significativas que ligam o homem a um determinado meio está a alimentação (Vidal De La Blache, 1954). Josué de Castro, em Geografia da fome, mapeou a fome no território brasileiro e afirmou a eficácia da ciência da Geografia - onde o objetivo básico é “localizar com precisão, delimitar e correlacionar os fenômenos naturais e culturais que se passam à superfície da terra” - como ferramenta para a construção de sua monografia da fome (Castro, 2006, p. 16). Assim sendo, localizar as formas de se alimentar pelas produções literárias de um determinado território, pode ser

uma forma de ter acesso àquele espaço. Esse é um dos pressupostos da Geografia literária (Piatti; Reuschel; Hurni, 2009).

A ideia de mapear os espaços literários não é recente. Em um estudo que tenta remontar historicamente o campo, Piatti (2008) mostra que há mais de 100 anos alguns pesquisadores tentam empreender esta tarefa, sobretudo, por meio da construção de mapas. Um dos autores que talvez tenha feito isso em primeira instância e de forma mais sistematizada foi Franco Moretti que tenta, em *Atlas do romance europeu 1800-1900* (1997), ler fenômenos culturais, descritos nas obras literárias do século XIX, sob o apoio de mapas e diagramas. O ensejo deste autor localiza-se em uma década, anos 1990's, onde a abordagem do espaço começa tomar o lugar de um dos conceitos primordiais de análise nas Ciências Humanas, o de temporalidade.

Um desses autores clássicos da Geografia foi Pierre Monbeig, que apontava a necessidade de a Geografia trazer para seu escopo leituras não técnicas com o fim de falar de seus conteúdos de forma mais vívida, mais humana. Leituras como as de Literatura, que tão bem descrevem o espaço vital, poderiam ser auxiliares neste intento, como descreve o autor: “antes de escrever, o geógrafo deveria pôr-se em contacto com a literatura, no sentido estrito da palavra, que existe sobre a cidade estudada” (Monbeig, 1957: 53).

Marandola (2006) em revisão sobre o tema aponta alguns dos autores precursores do campo no Brasil. Um deles foi Fernando Segismundo. Em seu artigo intitulado *Literatura e Geografia*, em 1949, o autor defende a descrição da paisagem como campo comum à Geografia e à Literatura. Na sequência, a autora aponta em Mauro Mota, de *Geografia literária*, a ideia do autor que acredita que a Literatura pode ser uma bibliografia para consulta de fatos geográficos.

Piatti, Reuschel e Hurni (2009) publicaram um estudo sobre este campo onde retomam os conceitos de geografia e cartografia literária, reconstroem o surgimento do campo no âmbito das Ciências Humanas e apontam limites para o seu estudo. Enquanto a Geografia literária compreende que a literatura pode auxiliar a pesquisa geográfica ao desvendar novas leituras para o geoespaço, a cartografia literária tenta ser uma ferramenta para este tipo de análise. Uma ferramenta que, como mostram os autores, está cercada de limites e críticas.

Uma das críticas parte de um ensaio de Virgínia Woolf, *Literary Geography*, em 1905. Neste texto a autora compreende que o país de um escritor é um território que pertence ao seu imaginário e que há um risco em transformar cidades fantasmas em cidades tangíveis, de concreto. Em resposta a essa opinião James Joyce afirmou em entrevista, em 1934, que gostaria de em sua obra fornecer uma imagem tão completa de Dublin, que se esta cidade repentinamente viesse a desaparecer, ela pudesse ser reconstruída a partir de seus livros. (Woolf, 1986 apud Piatti; Reuschel; Hurni, 2009;

Budgen, 1934 apud Piatti; Reuschel; Hurni, 2009). Grande parte do pensamento da cartografia literária, assim como o estudo que aqui se apresenta, pauta-se a partir da ideia de Joyce.

No Brasil, uma tentativa de mapear espaços e heterotopias da Literatura Brasileira, foi empreendida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Atlas das representações literárias de regiões brasileiras, uma obra de quatro volumes, com os dois primeiros já publicados em 2006 e 2009. O Brasil, neste caso, é apresentado não pelas suas divisões político-administrativas, mas em regiões em que os elementos culturais foram parâmetros fundamentais de sua constituição. Assim, são apresentadas quatro regiões: Brasil Meridional (Campanha Gaúcha, Colônias, Vale do Itajaí e Norte do Paraná), Sertões Brasileiros, Amazônia, e Costa Brasileira. Em seu volume 2, por exemplo, os autores levantam uma ampla discussão sobre os Sertões ao invés de o Sertão: aqueles da paisagem e aqueles inscritos em um imaginário geográfico-paisagístico. Neste sentido, apontam como premonitória a intervenção de Euclides da Cunha: Os sertões.

Mas, produzir mapas sobre o que? Os mapas, como ensina Franco Moretti, devem conter uma quantidade limitada de fatores culturais a serem analisados (Moretti, 2008). A alimentação é um desses fatores que pode ser mapeado. Pensando, sobretudo, na ideia de alimentação, ou culinária, compreendida como sistema cultural alimentar, na perspectiva do antropólogo Claude Lévi-Strauss (2004; 2006) e do sociólogo da alimentação Claude Fischler (1995), a culinária é uma linguagem, ou seja, um sistema articulado de signos que vivenciamos por meio de práticas cotidianas, assim como a fala para a linguagem verbal, mas repousado por elementos simbólicos que se relacionam e traçam, inconscientemente, uma forma de conceber o mundo.

Mesmo que fora da abordagem literária, alguns autores no âmbito do estudo da alimentação como cultura no Brasil já produziram mapas ao desenvolver suas pesquisas. O estudo de Josué de Castro, Geografia da fome, é um clássico. Nessa obra, Castro (2006) produz mapas para falar do fenômeno da fome no território brasileiro. Ele mapeia as cinco áreas alimentares e as principais carências nutricionais existentes no país: a área Amazônica, o Nordeste açucareiro, o Sertão Nordestino, o Centro-Oeste e o Extremo-Sul. Seus mapas serviram como ponto de partida para uma das discussões mais urgentes e ao mesmo tempo mais silenciadas no Brasil: a necessidade da adoção de um modelo econômico e político livre das iniquidades sociais.

Mais recentemente, com o ensejo de produzir um retrospecto histórico, sociológico e cultural da formação da culinária brasileira, Carlos Alberto Dória (2009), concordando com a ideia lançada primordialmente pelo IBGE por meio dos Atlas das representações literárias, mostra que não é possível empreender um estudo da cultura da alimentação por meio das divisões regionais político-administrativas: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Propõe portanto um mapa onde as regiões culturais para o

estudo da alimentação são apresentadas por meio de cinco manchas: Meridional, Amazônica, Costa, Caipira e Recôncavo baiano.

**Mapa 1. Mapa das manchas culinárias propostas por Dória (2009)**



Assim, acredita-se que a produção de mapas da Literatura Brasileira, com o tema da alimentação, buscando espaços inscritos no geoespaço possam auxiliar no estudo da alimentação e cultura no Brasil. Fala-se, portanto, de uma geoculinária literária brasileira.

## Metodologia

### Tipo da pesquisa

A pesquisa foi do tipo exploratória pois pretende analisar a relação entre território e alimentação em obras da Literatura brasileira de modo amplo, fornecendo um panorama geral da questão. A pesquisa iniciou-se a partir do mapeamento das obras. Esse mapa, ao final, pretende servir como ponto de partida para pesquisas pontuais, que possam trabalhar com o ensejo de descrição e explicação, ou seja, em níveis mais avançados de especificidade.

## Desenho da pesquisa

### *Fase de mapeamento I*

O objetivo desta fase foi realizar um mapeamento das obras da Literatura Brasileira de interesse para esta pesquisa. Convencionou-se que a busca seria realizada, em primeira instância, pela origem/vinculação do autor (lugar), que foram marcadas no mapa do Brasil inicialmente dividido nas cinco manchas propostas por Dória (2009). Exemplos: que autores, com origem na Costa brasileira (mancha da Costa), escreveram obras de Literatura que trazem a alimentação como um dos temas que tenha visibilidade na obra? Os resultados desta fase geraram um primeiro mapa.

Essa busca, para arrolar nomes de autores e obras de interesse, aconteceu por quatro vias distintas: busca difusa, busca acadêmica, busca no acervo da biblioteca nacional e brainstorming.

Na primeira fase as possibilidades de pesquisa eram consideravelmente amplas. Por isso, a busca revestiu-se de um caráter livre e difuso. Foram consultados livros didáticos, obras de literatura e obras de referência em literatura. Em seguida, passou-se à busca no Google® utilizando alguns descritores obtidos com base nessas leituras, tais como: ‘autores regionalistas’, ‘obras de 30’, ‘barroco’, ‘literatura amazonense’, ‘literatura telúrica’, ‘literatura caipira’, ‘literatura praieira’, dentre outros. Os resultados foram sendo consultados sempre em busca das referências relativas à alimentação.

Na sequência, procedeu-se à busca de trabalhos acadêmicos, produzidos em âmbito nacional, que pudessem fornecer pistas sobre obras de literatura que trazem a questão da alimentação à tona. Foram consultados, assim, três bases de dados: (1) o Jstor com os descritores ‘food’, ‘culture’, ‘literature’, ‘Brazil’, (2) Google Acadêmico® e (3) o Banco de Teses da Capes, com com os descritores: ‘literatura’, ‘alimentação’ e ‘cultura’. Utilizando os mesmos descritores do segundo nível foi realizada uma pesquisa no acervo da Biblioteca Nacional: <<https://www.bn.br/>>

Além disso, durante o segundo semestre de 2014 e o primeiro de 2015 foram realizadas sessões de estudo no grupo GULA (Grupo universalidades, literatura e alimentação) da UFCG com o intuito de levantar bibliografia literária para a pesquisa. Durante essas sessões, os mediadores eram convidados a apresentar os resultados de sua busca individual. Que autores produziram, em cada uma das manchas culinárias, obras onde a alimentação tenha sido um tema de visibilidade? Os resultados eram postos em discussão. O grupo adicionava suas contribuições como em um brainstorming. Os nomes dos autores e obras encontrados eram transcritos e armazenados por um dos membros do grupo.



As obras encontradas foram documentadas em um quadro como forma de organizá-las (Quadro 1). Estes dados deram origem ao primeiro mapa construído pela exploração nesta pesquisa: Mapa da produção da geoculinária literária (Mapa 2). Localizar as obras pela origem do autor foi a forma mais rápida que o grupo encontrou para organizar os dados da pesquisa. Além disso, esta forma de organização mostra um pouco sobre a origem de produção destas obras. Que manchas produzem mais obras com esta temática? De onde vem esses autores? Todos os mapas da pesquisa foram produzidos com o apoio de um sistema de informação de geoprocessamento.

Em adição, nesta fase, com o fim de gerar uma aproximação mínima dos pesquisadores com a obra, foram feitas leituras onde buscou-se iniciar uma reflexão sobre a obra em si e os alimentos e contextos alimentares presentes nas obras. Todas as obras foram digitalizadas e postas à disposição da equipe, sugeriu-se pesquisa e leitura do material com subsequente sistematização e partilha entre o grupo utilizando-se do modelo abaixo.

**Quadro 1: Ensaio de uma geoculinária (modelo de coleta)**

Referência da obra (ABNT):		
Ano de lançamento da obra	Página	Alimentação (ingredientes/contextos)

### *Fase de mapeamento II*

Na sequência buscou-se reunir todas as obras e percorrê-las panoramicamente com o fim de levantar algumas informações iniciais para a organização da pesquisa. Como, por exemplo, os possíveis espaços de ambientação da obra.

Sabe-se que a literatura enquanto obra de arte não necessariamente guarda um compromisso com o real. Como mostra Roland Barthes a literatura aceita praticar, com pleno conhecimento de causa, o imaginário, o devir, a subjetividade, a incerteza, porque os compreende como parte de seu discurso, como compulsórios ao humano (Barthes, 2004). Esse elemento traz algumas questões para aqueles que trabalham com a cartografia literária. O que fazer quando o geoespaço na obra dá lugar aos espaços imaginários, invenções? Como mapear espaços imaginários, espaços que tem suas próprias dimensões e que funcionam segundo suas próprias regras? Como, por exemplo, a Balbec de Marcel Proust, que combina alguns espaços da Normandia com muitas de suas fabulações. Nestes casos, análises dos textos em particular devem ser realizadas com o fim de desenhar tal

geografia, igualmente, imaginária. Manguel e Guadalupe (2003) tentaram, de alguma maneira, tatear esta ideia ao construírem o seu Dicionário de lugares imaginários: uma viagem para alguns lugares imaginários da literatura do século XIX.

Uma das chaves para pensar tal questão dos espaços fora do geoespaços pode ser tomada de Michel Foucault em *Of others spaces* (Foucault, 1986). Ao introduzir o conceito de heterotopias - os espaço de fora, espaços que, em relação com todos os outros, suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações pensadas ou, simplesmente, geografias do desvio - Foucault afirma que as utopias, que denomina como espaços irrealis, são heterotopias. Poder-se-ia assim dizer que a cada heterotopia literária corresponde uma heterotopia geográfica. A forma de modelizar esta questão, ou seja, mapear, é algo a ser pactuado entre obra e pesquisador.

Nesta pesquisa, por uma questão de escopo, começaremos a trabalhar a produção de mapas não a partir destes espaços imaginários, mas a partir de ambientes que podem ser localizados no geoespaço brasileiro. Assim, será feita uma leitura inicial das obras, além de leituras de artigos de análise destas obras com o intuito de precisar sua ambientação cronológica e, sobretudo, espacial. As obras que não se refiram a um lugar específico serão excluídas da pesquisa. Além disso, com o fim de definir o foco de análise também serão excluídas aquelas obras anteriores ao século XX.

### *Fase de mapeamento III*

Nesta fase o objetivo da pesquisa foi caracterizar as geoculinárias que são expressas por cada uma das manchas no território. Tomando o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, conforme sugere Milton Santos (2006), cinco variáveis foram definidas como pontos de partida para caracterizar as geoculinárias: os ingredientes (espécies animais e vegetais bem como seus produtos), produtos processados tradicionalmente na mancha (queijos, manteiga, doces etc.), preparações culinárias, utensílios e ações (verbos) relacionadas ao sistema alimentar.

Para pinçar estes elementos e delinear estas categorias serão empreendidas sucessivas das obras em cada mancha. As manchas, assim, uma a uma serão estudadas e terão sua geoculinária caracterizadas. Os resultados serão apresentados em quadros descritivos, tabelas, gráficos e mapas desenvolvidos com o apoio de software de geoprocessamento. Ao final pretende-se criar mapas que relacionem os ingredientes, os produtos, as preparações, os utensílios e ações mais frequente em cada mancha, aqueles que são singulares em cada mancha e os que são transversais a todas as manchas. Ao final pretende-se elaborar uma representação cartográfica da mancha que contenha os seus elementos representativos, relacionando o sistema alimentar e suas materialidades com o espaço.

## Resultados e discussões

### A produção geoculinária: os autores e as manchas

Iniciou-se aqui o trabalho de conhecer as obras e realizar a primeira ordenação da pesquisa.

Com o quadro a seguir (quadro 2) é possível localizar os autores que escreveram obras de literatura que dialogam com a alimentação obtidos nesta fase de mapeamento. Certamente, há outros autores que podem ter produzido reflexões sobre alimentação em suas obras de Literatura. No decorrer desta pesquisa, talvez eles venham a ser identificados. Todavia, o mais importante é mencionar que estas obras mapeadas servirão como corpus das reflexões que se desenvolverão à frente.

Dois autores dos listados, ainda que não tenham seu nascimento no território brasileiro, aqui foram naturalizados ou fixaram residência durante grande parte de sua vida e produziram uma literatura que é reconhecida como brasileira. Este é o caso do Padre Antônio Vieira, que ainda criança foi viver na cidade de Salvador/BA, e de Clarice Lispector, que chegou primeiramente ao Recife/PE, mas que fixou residência durante a vida adulta no Rio de Janeiro/RJ. Salvador e Rio de Janeiro foram tomados, então, como referência.

É importante sublinhar que este levantamento não pressupõe que a origem do autor (seu local de nascimento ou de permanência) determinará o tipo ou o conteúdo de sua produção, como já apontado anteriormente. Por exemplo, João Cabral de Melo Neto, produz uma literatura que poderia expressar a realidade de uma porção que conhecemos como Sertão. Também poder-se-ia dizer que a literatura da própria Clarice expressa não apenas um Brasil da costa, ou certa Ucrânia. Nesse caso falamos de uma literatura que tem anseios de atravessar todo o território, ou mesmo, ser universal. Este mapeamento é apenas uma forma inicial de dar unidade aos dados encontrados.

*Quadro 2. Produção da geoculinária literaria*

<i>Mancha culinária</i>	<i>Título/autor</i>	<i>Origem do autor</i>	<i>Ano de produção</i>
<i>1</i>	<i>Vidas Secas, Graciliano Ramos</i>	<i>Quebrângulo, AL</i>	<i>1938</i>
<i>Meridional</i>			
<i>2</i>	<i>A bagaceira, José Américo de Almeida</i>	<i>Areia, PB</i>	<i>1928</i>
<i>3</i>	<i>Menino de engenho, José Lins do Rêgo</i>	<i>Pilar, PB</i>	<i>1932</i>
<i>4</i>	<i>O clube dos anjos - Gula, Luis Fernando Veríssimo</i>	<i>Porto Alegre, RS</i>	<i>1998</i>

5	<i>A mesa voadora, Luis Fernando Veríssimo</i>	Porto Alegre, RS	1982
6	<i>Poesia completa (Pequena história natural - De urubu, Se achante, De calças curtas), Manoel de Barros</i>	Cuiabá, MT	~ 1985-2004
7	<i>Por que sou gorda, mamãe?, Cíntia Moscovich</i>	Porto Alegre, RS	2006
8	<i>Vinde a mim as palavrinhas, Nicolas Behr</i>	Brasília, DF	1979
9	<i>O continente, Érico Veríssimo</i>	Cruz Alta, RS	1949
10	<i>O retrato, Érico Veríssimo</i>	Cruz Alta, RS	1951
11	<i>O arquipélago, Érico Veríssimo</i>	Cruz Alta, RS	1961
12	<i>Tesouro da casa velha (As cocadas), Cora Coralina</i>	Goiás, GO	1966
13	<i>Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais (O poema do milho), Cora Coralina</i>	Goiás, GO	1965
1	<i>História do futuro, Padre Antônio Vieira</i>	Lisboa, PT	1718
<b>Recôncavo</b>			
2	<i>Obra poética, Gregório de Matos</i>	Salvador, BA	~1636-1696
3	<i>O rei da noite (A qualidade de vida ataca novamente), João Ubaldo Ribeiro</i>	Itaparica, BA	2008
1	<i>Poeta de água doce, Eliakin Rufino</i>	Boa vista, RR	1993
<b>Amazônica</b>			
2	<i>Romanceiro, Elson Farias</i>	Itacoatiara, AM	1985
3	<i>Sol de feira, Luiz Bacellar</i>	Manaus, AM	1973
1	<i>O Auto da Compadecida, Ariano Suassuna</i>	João Pessoa, PB	1955
<b>Costa</b>			
2	<i>O quinze, Rachel de Queiroz</i>	Fortaleza, CE	1930
3	<i>Não me deixes: suas histórias e sua cozinha, Rachel de Queiroz</i>	Fortaleza, CE	2000
4	<i>Morte e vida severina, João Cabral de Melo Neto</i>	Recife, PE	1955
5	<i>Homens e caranguejos, Josué de Castro</i>	Recife, PE	1967
6	<i>Antologia da alimentação no Brasil, Luis da Câmara Cascudo</i>	Natal, RN	1977

7	<i>Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, Clarice Lispector</i>	Chechelnyk, Ucrânia	1969
8	<i>Quase de verdade, Clarice Lispector</i>	Chechelnyk, Ucrânia	até 1977
9	<i>Laços de família (A repartição dos pães, A galinha, O ovo e a galinha), Clarice Lispector</i>	Chechelnyk, Ucrânia	1960
10	<i>Aprendendo a viver (Comer, comer), Clarice Lispector</i>	Chechelnyk, Ucrânia	até 1977
11	<i>Dona Flor e seus dois maridos, Jorge Amado, Jorge Amado</i>	Itabuna, BA	1966
12	<i>Gabriela cravo e canela, Jorge Amado</i>	Itabuna, BA	1958
13	<i>Quincas Borba, Machado de Assis</i>	Rio de Janeiro, RJ	1891
14	<i>Relíquias de casa velha (Suje-se gordo, Pai contra mãe), Machado de Assis</i>	Rio de Janeiro, RJ	1906
15	<i>Histórias da meia noite (As bodas de Luís Duarte), Machado de Assis</i>	Rio de Janeiro, RJ	1873
16	<i>Memórias póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis</i>	Rio de Janeiro, RJ	1881
1	<i>Quarto de despejo, Carolina Maria de Jesus</i>	Sacramento, MG	1960
	<i>Caipira</i>		
2	<i>Poesia reunida (A menina e a fruta; Bucólica nostalgia; Solar; Pra comer depois; O casamento; A menina do olfato delicado; A boca), Adélia Prado</i>	Divinópolis, MG	1991
3	<i>Misereres (Feira de São Tanaz, Pomar, Avós, Nossa Senhora dos Prazeres), Adélia Prado</i>	Divinópolis, MG	2013
4	<i>Bagagem, Adélia Prado</i> <i>(Sensorial, Ovos da Páscoa e Confeito), Adélia Prado</i>	Divinópolis, MG	1975
5	<i>Vermelho Amargo, Bartolomeu Campos de Queirós</i>	Papagaios, MG	2011
6	<i>Indez, Bartolomeu Campos de Queirós</i>	Papagaios, MG	1989
7	<i>Os cinco sentidos, Bartolomeu Campos de Queirós</i>	Papagaios, MG	1999
8	<i>Reinações de Narizinho, Monteiro Lobato</i>	Taubaté, SP	1931
9	<i>Memórias de Emília, Monteiro Lobato</i>	Taubaté, SP	1936
10	<i>Poesia errante (Receita para não engordar sem necessidade de ingerir arroz integral e chá de jasmim, Poema culinário), Carlos Drummond de Andrade</i>	Itabira, MG	1988

11	<i>O poder ultrajovem (No restaurante), Carlos Drummond de Andrade</i>	Itabira, MG	1972
12	<i>Claro enigma (A mesa), Carlos Drummond de Andrade</i>	Itabira, MG	1951
13	<i>A senha do mundo (Suas mãos), Carlos Drummond de Andrade</i>	Itabira, MG	1997
14	<i>Não é sopa, Nina Horta</i>	Belo Horizonte, MG	1955
15	<i>Baú de ossos, Pedro Nava</i>	Juiz de Fora, MG	1972

*Fonte: dados da pesquisa*

Portanto, como resultado, foram mapeados um total de 30 autores. Desses autores, conseguiu-se mapear 50 obras de interesse para esta pesquisa, dentre elas: poesias romances, contos, crônicas, memoriais, dramas e profecias.

Percebe-se uma concentração de obras que trazem o tema da alimentação em algumas das manchas, a exemplo da Caipira. Ainda que as manchas da costa e meridional comportem mais autores, nestes casos estamos falando de grandes extensões de terra. O que não acontece com a porção caipira no mapa. Esse território é um daqueles que segundo Abdala (2011) sustenta a reprodução de saberes e práticas cotidianas ancestrais, ainda que não esteja descolado do processo global de mudanças e inovações alimentares. O que aparece de maneira mais dinâmica na Costa e que acaba sendo potencializado, por exemplo, pelo uso turístico das cidades costeiras, que se tornam mais permeáveis ao novo.

Poulain e Proença (2003) definem os ingredientes como uma das dimensões do ESA. Assim sendo, com o ensejo de realizar uma primeira leitura sobre essas manchas, a partir do instrumento proposto no quadro 1, que tem como foco central os ingredientes e os contextos de consumo, o grupo propõe a seguinte síntese inicial.

**Quadro 2 - Geografia dos ingredientes e dos contextos alimentares**

Ingredientes/Tópicos/Manchas	Meridional	Costa	Recôncavo	Caipira	Amazônica
Ingredientes descritos por Dória (2009)	Milho, carnes de animais de pequeno porte e vísceras, pequi, mate, pinhão	Peixes, frutos do mar e leite de coco (coco)	Dendê	Milho, porco, frango, vegetais e legumes de horta.	Mandioca, frutas, peixes de rio e outros produtos da floresta
Ingredientes encontrados nas obras de literatura (mineral, animal e vegetal)	Raízes nativas da região, macaxeira, milho, cana-de-açúcar, suíno, papagaio, galinha, boi, feijão e arroz	Cana-de-açúcar, galinha, pera, coco, dendê, caranguejo, macaxeira, arroz e abóbora	Carne humana, cana-de-açúcar, dendê, macaxeira, oliva, sal, frango, peru, legumes, verduras, macaxeira	Cravo, cana-de-açúcar, jabuticaba, caqui, pitanga, café, leite, feijão, milho, pimenta, fumo, couve, macaxeira, frango, salsa, cebolinha, coentro, chuchu, hortelã, batata, pequi, arroz, suíno, abóbora, mandioquinha, quiabo, peixes de água doce.	Cupuacú, buriti, piracatu, macaxeira, camarões, jambu, pimenta malagueta e pimenta murupi

Contextos	Comensalidade: generosidade e. A importância da água para alimentação saudável. Fome como produto de injustiças sociais. Processos da tecnologia de alimentos (fermentação e secagem). Alimentação como sobrevivência. Turismo gastronômico. Restaurantes	Comensalidade: bares e confeitarias. O perigo das monoculturas. Fome como produto de injustiças sociais. Abundância em festividades (São João). Alimentação como sobrevivência.	Comensalidade: demonstrações de poder. Alimentação e religiosidade. Preparo de alimentos como ritual sagrado. Divergências entre apelo para vida saudável e indústria de alimentos. Relações de poder travadas pela alimentação.	Comensalidade: relevo ao âmbito doméstico. Amplo uso de ingredientes locais. Culinária com aproveitamento integral dos sucos (guizados, torrados, cozidos, compotas). Colheita como tempo festivo. Cozinha “lenta”. ( <i>slow</i> ).	Comensalidade: festividades. Aproveitamento integral das matérias-primas em artesanatos. Relação próxima do homem com natureza. Processos da tecnologia de alimentos (extração de óleos e fermentação). Sazonalidade: animal e vegetal. Consumo de pescado.
-----------	---	---	--	--	---

*Fonte: Dória (2009) e dados de pesquisa*

Percebe-se que há uma aproximação entre os ingredientes característicos de cada mancha mencionados por Dória (2009) e os descritos nas obras. Caso fosse preciso apontar um ingrediente que transversaliza todas as manchas esse ingrediente seria a mandioca e, claro, todos os seus produtos: polvilhos, farinha, puba, tucupi, maniçoba, goma e outros. O que marca também a singularidade do Brasil frente aos outros países do território latino-americano, onde impera a cultura do milho, conforme mostra Cascudo (2004).

Uma das dimensões da PNAN, ao versar sobre a alimentação adequada e saudável, é a compreensão de que o consumo de alimentos regionais deve ser estimulado (Brasil, 2012a). O caderno de Alimentos regionais brasileiros, em sua segunda edição, visando esse objetivo tenta divulgar a imensa variedade de frutas, hortaliças, tubérculos e leguminosas brasileiras (Brasil, 2015). Todavia, compreendem a ideia de região a partir da divisão político-administrativa proposta pelo IBGE. Durante a leitura desse documento, outras questões se colocam sobre a questão do conceito de alimentos regionais: são os alimentos nativos do território?, são os alimentos comumente consumidos?, ou são os alimentos tomados como tradicionais, ainda que não estejam mais



presentes no território como antes ou que não tenham origem nele? Em pesquisa sobre consumo das preparações tidas como regionais, por exemplo, a antropóloga Lívia Barbosa (2007) percebeu que a ideia dos alimentos regionais não expressa o consumo no território. Disse ela:

o consumo dos itens regionais é muito baixo, mesmo nas próprias regiões. Tapioca e baião-de-dois, por exemplo, aparecem com 1,4% e 5,4% de consumo em Fortaleza, respectivamente; polenta, 4,1% em Porto Alegre e 0,3% em São Paulo. A cidade com maior consumo de itens relacionados à sua cozinha tradicional é Recife, com 57,1% para o cuscuz, 10,2% para o queijo de coalho, 55% para o inhame, 36,7% para a macaxeira e 6,3% para a batata-doce (Barbosa, 2007: 105)

Essa questão dos alimentos regionais e, sobretudo, a ideia de região expressa por esta noção, é, de fato, uma das questões de interesse desta pesquisa.

Se para além dos ingredientes/alimentos, formos pensar nos contextos alimentares presentes, pode-se afirmar que a ideia da mesa como espaço de sociabilidade, comensalidade, é um tema que atravessa todas as obras. Como aponta Joannès (1998: 57) a comensalidade remete “a uma das expressões da solidariedade básica do grupo familiar ou da comunidade.” Que esse rito liga-se à generosidade e à ideia de igualdade é fato que já ocupa lugar comum nas discussões sobre o tema. O que agrega-se a este trabalho foi o fato de ter-se percebido que a comensalidade também pode expressar relações de poder e autoridade, o que sempre fica marcado pelas regras do ritual, como denotam as relações de estranhamento via alimentação entre indígenas e europeus na obra do Padre Antônio Vieira.

Ainda sobre os tópicos presentes, algumas obras mais atuais, aqui sobretudo as crônicas, tentam trazer uma abordagem dos dilemas do comer na era atual. Algumas delas estão na obra de Luís Fernando Veríssimo, por exemplo, na crônica Ovo e, também, na crônica de João Ubaldo Ribeiro A qualidade de vida ataca novamente. Sociologicamente, este processo onde os diversos discursos sobre o comer contemporâneo formam uma cacofonia (o saudável? o prazer? a tradição?), foi denominado por Claude Fischer (1995) de gastro-anomia<sup>1</sup>. Essa parece ser uma análise mais da dimensão do tempo do que do espaço. Certamente este é um fator a ser considerado. Todavia, se pensarmos que esses temas são raros em obras da mancha Amazônica e Caipira, pode-se pensar que os territórios mais ligados ao interior do país parecem sofrer um processo mais lento de apropriação destes discursos atuais sobre a alimentação, conforme discutido anteriormente. Essa é uma das questões a ser possivelmente analisada como decorrer desta pesquisa.

Caso fossem apontadas características singulares a este território em termos, tanto de ingredientes, como de tópicos, poder-se-iam ser estabelecidas as seguintes afirmações até o momento:

- (1) a culinária da costa com uma tendência à abertura para inovação, influências que chegavam via mar, século XX, como nas cenas de Quincas Borba, onde Rubião que acabara de receber herança de Quincas, deixava isso claro até mesmo pela criadagem da cozinha, que agora deveria ser branca ou pela doçaria de Além-mar em Memórias Póstumas de Brás Cubas. Ou as injustiças, muitas vezes geradas por séculos, como pelos latifúndios da monocultura, que parem homens gabirus, como aqueles de Homens e caranguejos;
- (2) a culinária do Recôncavo como protagonista de enfrentamentos culturais históricos, como aqueles entre os nativos e os europeus catequizadores, de Padre Antônio Vieira em História do Futuro, que tece duras críticas aos Tapuias ao acusá-los de serem devoradores de carne humana ou o grito de Gregório de Matos, em Crônica do viver baiano seiscentista, à fome, fruto desta intensa cultura de enfrentamentos e dominação:

A fome me tem já mudo,  
que é muda a boca esfaimada;  
mas se a frota não traz nada,  
por que razão leva tudo?

- (3) a culinária Caipira que expressa uma geoculinária indoors dos comedores familiares, com seus conflitos protagonizados em cena, com seus ingredientes e técnicas culinárias que tentam não exceder o espaço da casa, como em Bartolomeu Campos de Queirós e seu conflito doméstico expresso via alimentação, em Vermelho amargo, por exemplo, pelo contraste de como sua madrasta e sua mãe cortavam os tomates:

A madrasta retalhava um tomate em fatias, assim finas capaz de envenenar a todos. Era possível entrever o arroz branco do outro lado do tomate, tamanha a sua transparência. Com a saudade evaporando pelos olhos, eu insistia em justificar a economia que administrava seus gestos. Afiando a faca no cimento frio da pia, ela cortava o tomate vermelho, sanguíneo, maduro como se degolasse um de nós (Queirós, 2011: 9). Engolia o tomate imaginando ser ambrosia ou claras em neve, batidas com açúcar e nadando num de leite, como praticava minha mãe - Ilha flutuante - com as mãos do amor (Queirós, 2011: 10)

- (4) a culinária Amazônica e o remanescente do homem que com a natureza coabita e dela extrai seu meio de vida: utilizando-a integralmente, como na Receita de Tacacá, em Sol de feira (2005) de Luiz Bacellar, onde a macaxeira é esgotada em todos os seus produtos:

Ponha, numa cuia açu

ou numa cuia mirim

burnida de cumatê:

camarões secos, com casca,

folhas de jambu cozido

e goma de tapioca.

Sirva fervendo, pelando,

o caldo de tucupi,

depois tempere a seu gosto:

um pouco de sal, pimenta

malagueta ou murupi.

Quem beber mais de 3 cuias

bebe fogo de velório.

Se você gostar me espere

na esquina do purgatório.

- (5) e, por fim, a culinária meridional que, em verdade, representa uma longa faixa de terra com expressões intensamente heterogêneas, como pode ser observado pelas antíteses de Vidas Secas e Por que sou gorda mamãe, de um lado a narrativa da fome como fruto das injustiças sociais orquestrada pela aridez de seus protagonistas, do outro, a luta da autora contra o corpo obeso ou a fartura da mesa de Gula. Assim sendo, propõem-se, a partir destes primeiros resultados, como também da divisão proposta pelo IBGE (2009) que a mancha meridional, para melhor expressar o componente cultural, seja dividida em três manchas: a (5) Meridional (Campanha Gaúcha, Colônias, Vale do Itajaí e Norte do Paraná), (6) os Sertões (sua porção superior) e (7) Brasil central (porção medial). Essa proposta pode ser melhor observada no Mapa 2.

**Mapa 2. Manchas propostas na pesquisa**



### Geoculinária literária brasileira em sete manchas: próximos passos

Nesta fase, excluindo-se as obras que não fazem referências específicas e elementos do geoespaço brasileiro e aquelas anteriores ao século XX, restam 27 obras a serem analisadas, conforme quadro a seguir. Neste quadro percebe-se a coluna ambientação da obra, que foi alimentada conforme procedimentos pontuados na metodologia. A partir dela é que ocorreu a localização da obra nas sete manchas culinárias então propostas.

**Quadro 4. Obras que compõem a geoculinária literária brasileira**

Mancha culinária	Título/autor	Ambientação da obra	Origem do autor	Ano de publicação
1 Sertões	Vidas Secas, Graciliano Ramos	ambiente de sertão	Quebrângulo, AL	1938
2	A bagaceira, José Américo de Almeida	ambiente de sertão	Areia, PB	1928
3	O Auto da Compadecida, Ariano Suassuna	ambiente de sertão	João Pessoa, PB	1955
4	O quinze, Rachel de Queiroz	ambiente de sertão	Fortaleza, CE	1930

	5	Não me deixes: suas histórias e sua cozinha, Rachel de Queiroz	ambiente de sertão	Fortaleza, CE	2000
	6	Morte e vida severina, João Cabral de Melo Neto	ambiente de sertão	Recife, PE	1955
Meridional	1	O continente, Érico Veríssimo	região sul	Cruz Alta, RS	1949
	2	O retrato, Érico Veríssimo	região sul	Cruz Alta, RS	1951
	3	O arquipélago, Érico Veríssimo	região sul	Cruz Alta, RS	1961
Central	1	Tesouro da casa velha (As cocadas), Cora Coralina	Goiás velho	Goiás, GO	1966
	2	Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais (O poema do milho), Cora Coralina	Goiás velho	Goiás, GO	1965
	3	Vinde a mim as palavrinhas, Nicolas Behr	Brasília	Brasília, DF	1979
Recôncavo Baiano e Salvador	1	Dona flor e seus dois maridos, Jorge Amado	Salvador	Itabuna, BA	1966
	2	Gabriela cravo e canela, Jorge Amado	Ilhéus	Itabuna, BA	1958
	3	Dona Flor e seus dois maridos, Jorge Amado	Salvador	Itabuna, BA	1976
Amazônica	1	Poeta de água doce, Eliakin Rufino	ambiente amazônico	Boa vista, RR	1993
	2	Romanceiro, Elson Farias	ambiente amazônico	Itacoatiara, AM	1985
	3	Sol de feira, Luiz Bacellar	ambiente amazônico	Manaus, AM	1973
Costa	1	Homens e caranguejos, Josué de Castro	mangue do recife	Recife, PE	1967

2	Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres, Clarice Lispector	Rio de Janeiro	Chechelnyk, Ucrânia	1969
3	Menino de engenho, José Lins do Rêgo	ambiente canavieiro, Zona da Mata	Pilar, PB	1932
1 Caipira	Quarto de despejo, Carolina Maria de Jesus	São Paulo, favela do Canindé	Sacramento, MG	1960
2	Poesia reunida (A menina e a fruta; Bucólica nostalgia; Solar; Pra comer depois; O casamento; A menina do olfato delicado; A boca), Adélia Prado	Divinópolis	Divinópolis, MG	1991
3	Misereres (Feira de São Tanaz, Pomar, Avós, Nossa Senhora dos Prazeres), Adélia Prado	Divinópolis	Divinópolis, MG	2013
4	Bagagem, Adélia Prado (Sensorial, Ovos da Páscoa e Confeito), Adélia Prado	Divinópolis	Divinópolis, MG	1975
5	Vermelho Amargo, Bartolomeu Campos de Queirós	ambiente da cidade do autor, aspectos da infância do autor	Papagaios, MG	2011
6	Indez, Bartolomeu Campos de Queirós	ambiente da cidade do autor, aspectos da infância do autor	Papagaios, MG	1989

*Fonte: dados da pesquisa*

É desta forma que percebemos hoje a organização de uma geoculinária brasileira. E é a partir desta sistematização que ocorrerá a terceira fase da pesquisa. Os elementos materiais das culinárias de cada uma das sete porções do território estão em fase de sistematização. Ao final ter-se-á um atlas com todas estas representações.

### **Considerações finais**

O cerne que guiou e que continua guiando este projeto é que o território - que em sua utilização considera uma interdependência entre a materialidade e as ações humanas, tanto no passado como no presente - é ator principal das questões ligadas à alimentação. Tentar, portanto, mapear esta ideia, pelo referencial da geografia literária e tomando como corpus de pesquisa obras da literatura brasileira, foi o objetivo desta pesquisa.

Foram mapeadas 50 obras de 30 autores brasileiros que fazem esse diálogo com a alimentação. Refinando estes achados, levando em consideração o elemento da ambientação espacial da obra no geoespaço brasileiro e da suas cronologias, restaram 27 obras, distribuídas em sete manchas culinárias, gerando, assim, regiões (subdivisão funcional do espaço) para o estudo da cultura alimentar, as manchas culinárias.

Até o momento foram gerados dois mapas que, em verdade, constituem a base, o background, onde se pretende dispor os elementos destas geoculinárias. Espera-se que a partir dos elementos materiais, dos objetos que compõe o sistema alimentar de cada mancha - ingredientes, produtos tradicionais processados, preparações culinárias e utensílios -, seja possível definir um sistema de ações humanas em relações a eles, de modo a falarmos sobre a constituição de um espaço alimentar próprio dessas regiões. Fala-se, assim, em outras palavras, na definição de um terroir, expressão cara a geógrafos e estudiosos da alimentação, que tão intimamente conecta alimentação-território, presente-passado.

Retomar, observar e projetar o terroir que tivemos e que desejamos para o futuro pode ser uma das formas de se interpor frente às tomadas aceleradas de estratégias colonizadoras e verticais que usurpam o poder daqueles que habitam o território. A produção de um atlas de uma geoculinária brasileira deseja ser este elemento que, por meio de representações cartográficas, gere um encadeamento de elementos do terroir de modo a nos permitir uma reflexão sobre as relações que estabelecemos com o meio enquanto habitamos e, portanto, comemos.

## Bibliografía

- Abdala, M. (2011). Saberes e sabores: tradições culturais populares do interior de Minas e de Goiás. *História: Questões & Debates*, Curitiba, 54, pp. 125-158, jan./jun.
- Bacellar, Luiz. (2005). *Sol de feira*. (6. ed.). Manaus: Valer Editora.
- Barbosa, Livia. (2007, jul/dez). Feijão com Arroz e Arroz com Feijão. "O Brasil no Prato dos Brasileiros". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, 13(28), pp. 87-116.
- Barthes, R. (2004). *O grão da voz*. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- Brasil. (2005). Ministério da Saúde. *Alimentos regionais brasileiros*. Brasília: MS.
- Brasil. (2012). Ministério da Saúde. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. Brasília: MS.
- Brasil. (2012a). Ministério da Saúde. *Política Nacional de Alimentação e Nutrição*. Brasília: MS.

- Brasil. (2015). Vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico (Vigitel). Recuperado em 31 julho, 2015, de <http://portalsaude.saude.gov.br/images/>
- Cascudo, L. (2004). História da alimentação no Brasil. São Paulo: Global.
- Castro, J. (2006). Geografia da fome. O dilema brasileiro: pão ou aço. (6a ed.). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Ceccim, R. (2005). Réplica. Interface, Botucatu, 9(16), pp. 175-177.
- Dória, C. (2009). A formação da culinária brasileira. São Paulo: Publifolha.
- Fischler, C. (1995). El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo. Barcelona: Anagrama.
- Foucault, M. (1986). Of others spaces. Diacritics, 16(1), 22-27. Recuperado em 7 maio, 2016, de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/464648?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104118368193>
- Goldenberg, M. (2011). Cultura e gastro-anomia: psicopatologia da alimentação cotidiana.
- Entrevista com Claude Fischler. [Versão online], Horizontes antropológicos, 17(36), 235-256.
- Gondim, G, Moken, M. (2009). Territorialização em saúde. In BRASIL. Ministério da Saúde.
- Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Brasília, MS. Recuperado em 31 de julho, 2015, de <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/tersau.html>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). Atlas das representações literárias e regiões brasileiras. (Sertões brasileiros, v.2). Rio de Janeiro, IBGE.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2009). Brasil Meridional. (Atlas das representações literárias de regiões brasileiras, v.1). Rio de Janeiro, IBGE.
- Joannès, F. (1998). A função social do banquete nas primeiras civilizações. Em J. Flandrin & M. Montanari (Org.). História da Alimentação (Cap. 2, p. 885). São Paulo, Estação Liberdade.
- Lévi-Strauss, C. (2004). O cru e o cozido. (Mitológicas 1). São Paulo: Cosac Naify.
- Lévi-Strauss, C. (2006). A origem dos modos à mesa. (Mitológicas 3). São Paulo: Cosac Naify.



- Manguel, A, Guadalupi, G. (2003). Dicionário de lugares imaginários. São Paulo: Companhia das Letras.
- Marandola, J. (2006). O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. *Geografia, Rio Claro*, 31(1), pp. 61-81.
- Mendes, E. (1993). Distrito sanitário: o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. *Saúde e sociedade, São Paulo - Rio de Janeiro: HICITEC-ABRASCO*, 2(1), pp. p. 11-17.
- Monbeig, P. (1957). *Novos estudos da Geografia Humana brasileira*. São Paulo: Difusão européia do livro.
- Moretti, F. (1997). *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo.
- Moretti, F. (2008). *A literatura vista de longe*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- Piatti, B, Reuschel, A, Hurni, L. (2009). *Literary Geography—or How Cartographers Open up New Dimension for Literary Studies*. In: *International Cartography Conference, Santiago de Chile*. Recuperado em 31 de julho, 2015, de <http://bit.ly/1Q5MZLP>.
- Piatti, B. (2008). *Die Geographie der Literatur. Schauplätze, Handlungsräume, Raumphantasien*. Göttingen: Wallstein.
- Poulain, J, Proenca, R. (2003). O espaço social alimen-tar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. [Versão online], *Revista de Nutrição*, 16(3), 245-256.
- Queirós, B. (2011). *Vermelho amargo*. São Paulo: Cosac Naify.
- Santos, M. (2006). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. (4.ed.). São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo.
- Vidal De La Blache, P. (1954). *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Edições Cosmos.
- World Health Organization. (2014). *Global status report on noncommunicable diseases 2014*. Genebra, WHO. Recuperado em 02 de fevereiro, 2016, de <http://bit.ly/1EhxrAS>>
- World Health Organization. (2015). *World health statistics 2015*. Genebra, WHO. Recuperado em 02 de fevereiro, 2016, de <http://bit.ly/1bPJZpV>>

## Notas

<sup>1</sup> Um neologismo com o conceito de anomia de Émile Durkheim e a ideia de gastronomia. Definido pelo autorem entrevista à Miriam Goldenberg, como um jogo de linguagem para sublinhar as dificuldades que as pessoas têm para lidar com a complexidade que se tornaram as práticas e representações alimentares na sociedade contemporânea (GOLDENBERG, 2011).